

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ANTE-ESTREIAS

26 de fevereiro 2026

BALANE 3 / 2025

um filme de **Ico Costa**

Realização: Ico Costa / **Fotografia:** Hugo Azevedo AIP / **Som:** Andreas Scheibenreif, Roland Pickl, Luís Duzenta / **Mistura:** Simon Apostolou, Miguel Martins / **Montagem:** Raul Domingues Colorista Gonçalo Ferreira / **Música:** Txitas da Boa Cena / **Direcção de Produção:** Julia Alves / **Montagem de Som:** Rafael Cardoso.

Produção: Terratrema Filmes / **Co-produção:** Oublaum, La Belle Affaire / **Produtores:** João Matos, Jérôme Blesson, Ico Costa, Julia Alves / **Cópia:** DCP, cor , legendada em português / **Duração:** 98 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Ico Costa

Ainda que qualquer documentário mostre sempre uma realidade já passada, normalmente de há um ou dois atrás, **Balane 3** um filme especialmente anacrónico por três razões. Primeiro, porque a rodagem ocorreu em 2019. Segundo, porque entretanto lancei dois filmes – a curta-metragem **Domy+Ailucha: Cenas Kets!** e a longa-metragem de ficção **O Ouro e o Mundo** – cujas rodagens aconteceram posteriormente. Por fim, em 2019 eu ainda estava numa fase em que queria combater uma certa ideia que tinha de que os filmes em África eram todos sobre pobreza ou outras condições resultantes da mesma, pelo que, no seguimento da minha outra curta-metragem **Nyo Vweta Nafta**, queria mostrar um Moçambique mais vivo, jovial, pois era esse o Moçambique que eu conhecia.

Entretanto, a pós-produção ficou suspensa por falta de dinheiro. Um ano depois, a pandemia do Covid-19 empurrou o país para uma grave crise económica e quando em 2021 comecei a trabalhar na preparação do **O Ouro e o Mundo**, deparei-me com um lado mais sombrio da sociedade, o que transparece no filme.

Em 2024, na sequência da muito provável fraude aquando das eleições presidenciais em Moçambique, houve manifestações e greves por todo o país, em relação às quais a polícia respondeu com uma implacável repressão policial, resultando em mortes, feridos, desaparecimentos, detenções sem julgamento. Estive lá de Agosto a Outubro de 2024 a registar o descontentamento do povo, num filme ainda por finalizar.

Em 2019 fui para Moçambique com a ideia de filmar a minha segunda longa-metragem de ficção, intitulada **O Ouro e o Mundo**. Estava demasiado optimista, quiçá, daí que tenha pensado que em quatro meses conseguiria fazer toda a preparação e ainda a rodagem. O processo complicou-se e, vendo o verão a aproximar-se e não querendo eu filmar nesse período devido ao calor excessivo e ao aumento da propagação da malária, tomei a decisão de abortar a rodagem e passá-la para o ano seguinte – entretanto, por causa da pandemia do Covid-19, vi-me forçado a adiá-la de novo. Mas tinha ainda dois meses pela frente e, não querendo voltar a Portugal de mãos a abanar, decidi aproveitar esse período para filmar as pessoas e os lugares que me eram queridos. Tinha vivido tantos momentos que queria registar, queria dar voz a tantos amigos e conhecidos que já conhecia ou fui conhecendo nesses meses, que acabei por tomar a decisão de fazer este documentário. A câmara já lá estava, igualmente com alguma película de 16mm que tinha levado para fazer testes. Eu, a Terratrema e a La Belle Affaire (produtora francesa) fizemos então um pequeno investimento pessoal para trazer a Moçambique o Hugo

Azevedo (director de fotografia) com mais alguma película e, com uma equipa mínima e essencialmente local, decidimos começar a filmar. Sabia à partida que não teríamos dinheiro para a pós-produção, mas já com o meu anterior filme, **Alva**, isso acontecera e não nos saíramos mal, conseguindo o dinheiro a *posteriori*. O importante para mim era aproveitar o momento.

Nessa altura passava bastante tempo com muitos dos rapazes e raparigas que mais tarde acabámos por filmar no bairro de Inhambane Balane 3. A cidade está dividida por bairros e sub-bairros, se assim se pode chamar. A toda a zona central da cidade chama-se Balane. À parte mais burguesa, onde fica a avenida marginal e a casa do governador da província, chamam Balane 1; à parte mais central, onde se encontra a estação de autocarros e o mercado, chamam Balane 2; ao bairro mais afastado, onde se encontram as primeiras casas mais modestas e onde começam os subúrbios, chamam Balane 3. A ligação a esse bairro era forte e cedo me dei conta de que deveria ser esse o título do filme.

Em poucas palavras, **Balane 3** é um documentário sobre a vida e as pessoas de Inhambane, uma cidade no sul de Moçambique.

Depois de ter dirigido duas curtas-metragens naquela cidade, **Libhakeri** e **Nyo Vweta Nafta**, sinto **Balane 3** como o corolário da minha presença em Inhambane, que venho visitando por longos períodos desde 2011. Desde então tenho vivido todos os cantos da cidade e os seus arredores, estudei minuciosamente a sua sociedade, conheci pessoas de todos os tipos e estratos sociais, fiz vários amigos, que fundamentalmente são a maioria das personagens deste filme. Para mim, esta é uma depuração de **Nyo Vweta Nafta**, não apenas pelo seu formato mais longo, mas principalmente porque considero estar aqui a apresentar as personagens no seu estado mais puro, o que só poderia ser alcançado após anos de interação e amizade crescentes.

O resultado do que estou aqui a erigir é ao mesmo tempo modesto e ambicioso. Modesto porque não pretende ser mais do que é: um retrato de Inhambane e das suas pessoas. Ambicioso porque apresentar a representação dessa sociedade de maneira não linear e sem narração ou outros artefactos narrativos é algo tremendamente desafiante.

Algumas pessoas a quem mostrei o filme foram lesto a desvendar nele um tema principal: as relações – amorosas, sexuais. No entanto, tenho de admitir que eu nunca pensei num tema principal ou em temas secundários. Para mim este sempre foi um filme apenas sobre um conjunto de pessoas e situações, que de certa forma constroem uma ideia de sociedade – e de cidade. O facto de se abordar tanto o tema do sexo provém simplesmente do facto de esse ser um tema com menos tabus em Moçambique do que na Europa. Sim, esse acaba invariavelmente por ser um tema central na sociedade moçambicana, principalmente entre as camadas jovens retratadas no filme, e é apenas por essa razão que ele surge destacado entre os demais.

Seja como for, **Balane 3** é o produto de uma filmagem praticamente sem guião. Isso fez com que cada dia de rodagem eu fosse surpreendido pelos “actores” e pelas circunstâncias de cada momento – e é definitivamente nesse campo onde mais me sinto feliz enquanto realizador. É óbvio que isso implica partir para as rodagens com poucos meios técnicos e financeiros, tal como já tinha acontecido com **Nyo Vweta Nafta** ou **Alva**, mas sou levado a crer que para certos filmes esse é um constrangimento necessário para que uma certa noção de verdade (autenticidade? realidade?) seja atingida.